


# NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES DA FEIRA DE SANTANA DA DÉCADA DE 1940

 10.5935/2177-6644.20210027

IN LITERARY NARRATIVES: MEMORIES  
AND REPRESENTATIONS OF THE FEIRA  
DE SANTANA OF THE 1940

EN NARRATIVAS LITERARIAS:  
RECUERDOS Y REPRESENTACIONES DE  
LA FEIRA DE SANTANA DE LA DÉCADA  
DE 1940

Márcia Suely Oliveira Nascimento \*

 <https://orcid.org/0000-0002-5349-5073>

**Resumo:** Proponho nessa pesquisa, a análise das memórias e representações (entendidas enquanto mecanismo pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, dá/constrói/produz/cria um significado para o mundo social) da cidade de Feira de Santana da década de 1940, a partir das contraposições dos romances ficcionais, *Setembro na Feira*, de Juarez Bahia, e *O Lobisomem de Feira de Santana*, de Fernando Ramos.


**Palavras-chave:** Cidade. Representações. Memória. História e Literatura

**Abstract:** I propose in this research the analysis of memories and representations (understood as a mechanism by which an individual, or a group of individuals, gives/builds/produces/creates a meaning for the social world) of the city of Feira de Santana the 1940s, from the oppositions of fictional novels, *September at the Fair*, by Juarez Bahia, and *The Werewolf of Feira de Santana*, by Fernando Ramos.

**Key-words:** City. Representations. Memory. History and Literature.

**Resumen:** Propongo en esta investigación el análisis de recuerdos y representaciones (entendidas como un mecanismo por el cual un individuo, o un grupo de individuos, da/construye/produce/crea un significado para el mundo social) de la ciudad de Feira de Santana de la década de 1940, a partir de las oposiciones de novelas de ficción, *Septiembre en la Feria*, de Juárez Bahía, y *El hombre lobo de Feira de Santana*, de Fernando Ramos.

**Palabras-clave:** Ciudad. Representaciones. Recuerdos. Historia y Literatura.

\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).   
<http://lattes.cnpq.br/8182566201735022> - E-mail: [marciasuely90@gmail.com](mailto:marciasuely90@gmail.com).

## Introdução

Este trabalho tem por intuito apresentar uma proposta de pesquisa histórica, a partir de narrativas literárias que versam sobre a elaboração de memórias, representações e identidades sociais de Feira de Santana, cidade do interior da Bahia, na década de 1940. As obras *O Demônio* (1969), e *O Lobisomem da Feira* (2002), ambas de Fernando Ramos, e *Setembro na Feira* (1986), de Juarez Bahia, serão as principais fontes desta investigação.

Feira de Santana do século XX, foi uma cidade marcada pelo intenso crescimento populacional (motivado principalmente pelas imigrações, que acresciam a sua população), ampliação do seu território e contraposição de duas formas de vida: a primeira definida pela presença do homem do campo e da ruralidade, e a segunda caracterizada pelas relações comerciais e ideais de civilização.

Ao identificar essa representação baseada na dualidade entre campo (atrasado, inferior, inculto) e cidade (progresso, modernidade, saber) evidencia-se as tensões sociais presentes na “Princesa do Sertão” e a elaboração de um discurso viabilizador da civilidade e dos novos códigos de conduta social (OLIVEIRA, 2008; OLIVEIRA, 2016; SILVA, 2000)

Elaborado pelo poder público, autoridades políticas e grandes comerciantes locais, auxiliado pela imprensa feirense e almejado por uma parcela da população que dependia ou mantinha relações com os setores sociais ligados a atividade comercial, o projeto de reforma urbana e construção de um novo comportamento público foi posto em prática.

Essa reestruturação social da qual Feira de Santana tornou-se alvo era fruto das mudanças exigidas pela civilidade, expressa no repúdio ao passado histórico do país e à sua herança colonial.

Segundo Silva (2000, p. 22), esse processo em Feira de Santana utilizou-se de um discurso que propagou a ideia de uma terra de clima “especial”, destacando sua especificidade enquanto fator de distinção: “[...] o desenvolvimento de um discurso sobre a natureza especial de Feira de Santana pode ser entendido como um momento ou um aspecto do fenômeno mais amplo de construção de uma identidade social feirense”.

Pretendendo alcançar para Feira de Santana o ideal de “Petrópolis”, ou seja, a cidade com ares urbanos desenvolvidos, portadora de aspectos cotidianos próprios da modernidade e civilidade, conforme propagado ao longo do século XIX, a elite comercial feirense dá início a um processo disciplinador que passa a controlar o modo de vida das classes populares, moralizando seu comportamento social através da criação de novas formas de lazer, novas edificações urbanas e, principalmente, novas práticas alicerçadas em padrões culturais europeus. Exigia-se agora do

cidadão moderno atitudes racionalizadas, moralizadas e cultas (LEITE, 1996).

Os anseios pela urbanização e modernização com a criação de novos espaços assim como novas regras de condutas sociais, tão presentes nas capitais brasileiras durante as primeiras décadas do século XX, estende-se ao interior. Em Feira de Santana, esse processo de modernização foi evidenciado por um período de desenvolvimento comercial, cultural e industrial ocorrido entre 1940 a 1960; de alterações no padrão de acumulação de capital sendo caracterizado, principalmente, pela construção dos currais modelos, das estradas de rodagem e algumas indústrias, como a Usina de Beneficiamento de Algodão e a fábrica Organizações Leão do Norte Ltda. Assim como, a criação da Associação Comercial, do Feira Tênis Clube, o início da construção da nova rodovia Feira – Salvador, a criação do Cine Teatro Santana, da Rádio Sociedade, dentre outros, que evidenciavam novos espaços de socialização e modernidade (ALVES, 2014; BOAVENTURA, 2006; LAJEDINHO, 2004; LINS, 2014; OLIVEIRA, 2016; PINTO, 2011; SANTOS, 2002).

Algumas dessas transformações foram salientadas em narrativas literárias, que, ao terem a cidade de Feira de Santana e seus habitantes como objeto de escrita, elaboraram memórias e representações de um determinado momento histórico do cotidiano feirense. Dentre essas narrativas, destaco as obras: *O Demônio e O lobisomem de Feira de Santana*, de Fernando Ramos e *o Setembro na Feira*, de Juarez Bahia.

Fernando Lysesfrank Sousa Ramos, baiano de Feira de Santana, nascido em 1934 e falecido aos 76 anos de idade<sup>1</sup>, foi escritor, jornalista e advogado. Nos jornais, como o *A Tarde* e o *Feira Hoje*, assumiu, respectivamente, as funções de crítico e de editor. Participou do elenco de *Um crime na rua*, um curta metragem de Olney São Paulo, o que demonstrava sua paixão pelo cinema. Enquanto escritor, além de textos publicados nos jornais, como o folhetim *Meu nome é Vargas*, escreveu romances como *Os Enforcados* (1969) e *O Demônio* (1970), os quais ganharam o Prêmio Jorge Amado, em 1968 e 1969. Para essa pesquisa, faço uso dos dois romances: *O Demônio* e *O Lobisomem de Feira de Santana*.

Em *O Demônio*, obra que ganhou o Prêmio Jorge Amado, em 1969, são narradas a vivência e as impressões de Guanayr Ápio, protagonista do romance e também seu narrador, na e sobre a cidade de Feira de Santana no período de 1945 a 1969. Ao longo de seus pensamentos e “olhares” sobre o cotidiano da urbe vai se tecendo uma memória a partir das paisagens citadinas. Assim, são citadas ruas, praças, o *Jornal Folha do Norte*, o jogo do bicho, os bordéis, as práticas religiosas,

---

<sup>1</sup> Há contradições em relação a data de nascimento e morte de Fernando Ramos. Aqui utilizo-me de Jorge de Souza Araújo (p.260) em *Floração de Imaginários* que indica como ano de nascimento 1934 deixando em aberto seu ano de falecimento, e do *Blog Demais*, de Dimas Oliveira, que estabelece como ano de morte 2008.

dentre outros, que se entrelaçam com as abstrações do personagem, vindo da capital para Feira de Santana, onde torna-se proprietário de um pequeno comércio de discos e instrumentos musicais localizado na praça da Bandeira.

Já *O Lobisomem de Feira de Santana*, lançado em 2000 pela Secretaria de Cultura e Turismo/ Empresa Gráfica da Bahia, e reeditado em 2002, consiste em um romance que, segundo o próprio autor, é “uma homenagem ao povo de Feira de Santana, minha terra. Tem algum valor literário. Vários episódios inexistiram. Outros existiram. Afinal, é uma obra de ficção” (RAMOS, 2002, p. 2)

Ambientado em Feira de Santana, as ações de *O Lobisomem de Feira de Santana* se passam no ano de 1945. Nele são narradas situações do cotidiano da cidade, bem como, de seus personagens, a partir do protagonista, Permínio Andrade, rapaz de família da classe média feirense, e do próprio autor, que é representado como o adolescente Fernando Espírito. Apesar de nominar o romance, o lobisomem é apenas um elemento com um quê ficcional, transparecendo o gosto do autor pelo cinema. Os capítulos são organizados em *rounds*, que ao expressar fatos e ações de uma realidade da vida social da cidade, provenientes das memórias do autor, produz uma representação de uma Feira de Santana distante dos ares da modernidade.

Benedito Juarez Bahia, baiano de Cachoeira, autor de romances como *Setembro na Feira* (1986), e *Ensina-me a ler* (1994), além de outras obras sobre imprensa e jornalismo, nasceu em 1931, e faleceu em 1998. Foi jornalista, professor, escritor, advogado, publicitário e consultor de empresas nas áreas de Comunicação, Administração Editorial e Jurídica.

Aos 15 anos já escrevia no jornal feirense *Folha do Norte*, mas projetou-se na cidade de Santos, onde trabalhou no *Diário de Santos* e *A Tribuna*. Foi autor de artigos para jornais tais como *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e *Visão*, atuando também para a implantação da TV Cultura, em São Paulo.

No romance *Setembro na Feira*, Juarez Bahia delineou o cotidiano de Feira de Santana nas décadas de 1930/1940 atentando às mudanças urbanas, o que é descrito através das impressões do protagonista Florêncio, diante da emergência da rodovia BR-116, do surgimento dos bairros e da expansão urbana. Em sua narrativa, percebe-se a semelhança entre o autor e o protagonista, o que aponta para uma identificação da cidade a partir de suas memórias, da vivência no subúrbio e das paisagens e elementos rurais e urbanos.

## Justificativa

A apreensão das memórias e identidades elaboradas em uma determinada cidade dar-se-á, inicialmente, por meio da percepção do seu cotidiano, constituído pelas práticas (sociais, culturais, políticas etc.), pelos imaginários e pelas experiências dos seus habitantes e de tantos outros elementos pertencentes a essa dada realidade, numa ação de redescoberta e, ao mesmo tempo, de refazimento. Quando inseridas nas obras literárias, essas “lembranças” e identificações evidenciam as sensibilidades e os múltiplos olhares sobre uma realidade do passado, de tal maneira que demonstra os discursos que foram sendo elaborados e reproduzidos para concretizar uma representação identitária do espaço urbano e de seus habitantes.

Desse modo, a temática a ser trabalhada nesse projeto insere-se na linha de pesquisa *Cultura, Identidades e Linguagens*, e busca, por meio das narrativas literárias, apreender algumas representações, entendidas enquanto mecanismo pelo qual um indivíduo, ou um grupo de indivíduos, dá/constrói/produz/cria um significado para o mundo social (CHARTIER, 1990), criadas em torno da cidade de Feira de Santana na década de 1940, bem como certos elementos de memória e de identificação com o social.

Ao utilizar romances baianos como fonte de pesquisa, atento para o possível ineditismo e a relevância do estudo. Em relação à obra de Fernando Ramos, não localizei pesquisas realizadas sobre sua produção literária. Grazyelle Reis, em sua dissertação desenvolvida no Programa do Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2008, chega a citar sua participação no jornal *Folha do Norte*, e na *Revista Sertão*, mas não há alusão aos seus livros. A única referência encontrada sobre Fernando Ramos e suas obras, foi o livro de José de Souza Araujo (2008), que realiza uma síntese sobre os escritores baianos do século XX e suas produções literárias.

Em contrapartida, o romance de Juarez Bahia já foi utilizado enquanto fonte, em alguns trabalhos como o de Rafael Quintela, desenvolvido no Programa do Mestrado em História da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2014, no livro *Canções da cidade amanhecendo* de Clóvis Ramaiana Moraes Oliveira (2016), no artigo de Miranice Moreira da Silva (2017), e na monografia de Thaise Leal para Licenciatura em Letras Espanhol, pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), em 2019. Mas, atento que apesar de fazer uso do romance enquanto fonte, nenhum contrapôs essa obra com os romances de Fernando Ramos. Portanto, mais um motivo para o ineditismo da proposta.

É essa diferença de interpretação do imaginário da cidade que me induz a apreender e compreender, através da comparação, como esses autores se apropriaram desse espaço urbano

específico e elaboraram/ reelaboraram representações diferenciadas, que ressignificaram em suas narrativas, e para além delas, a urbe feirense.

## Objetivo Geral

Analisar as memórias e representações criadas sobre a Feira de Santana da década de 1940, a partir da contraposição entre os romances *O Demônio*, *O Lobisomem de Feira de Santana* e *Setembro na Feira*.

## Objetivos Específicos

- Identificar e analisar a representação de cidade que é construída pelos autores nos romances.
- Contextualizar as condições histórico-sociais de produção dos romances;
- Realizar uma abordagem comparativa entre os romances e suas narrativas, de forma a delinear as diferenças e aproximações entre ambos;
- Analisar as percepções do cotidiano da cidade retratadas na narrativa literária, a partir das formas de sociabilidade, práticas religiosas, sujeitos sociais, territorialidade urbana, dentre outros.

## Problemática

Segundo Pesavento (2006, p. 14), “a literatura é, no caso, um discurso privilegiado de acesso ao imaginário das diferentes épocas”, o que torna perceptível as diversas maneiras de apreensão da realidade, ao mesmo tempo em que nos induz a questionar quantos relatos são elaborados em cima de um mesmo fato.

Partindo desse princípio, ao iniciar a leitura dos livros de Fernando Ramos, chamou-me a atenção o fato de ele diferir do cotidiano de cidade expresso na obra de Juarez Bahia. Como seria possível ter visões tão distintas de um mesmo objeto se a temporalidade das obras era similar?

A realidade social traduzida nas obras de Ramos, na qual em um dos romances, ele é um dos personagens, e na de Bahia, que também traz em si características autobiográficas, me leva a inquirir como os autores vivenciaram sua própria história e cultura através das cenas urbanas descritas ao longo de suas narrativas. Quem eram? Quais os seus círculos de convivência/amizades? Se conheciam? Dialogavam? Quais ambientes frequentavam? Qual era a realidade social de cada um desses interlocutores?

Sendo assim, pergunto-me de que maneira essas impressões e vivências criaram

representações da cidade? E até que ponto essas mesmas representações interferiram na forma como os autores recriaram a cidade em sua escrita?

Ao relatar o cotidiano feirense, questiono: qual a urbe que está sendo representada?

Em relação ao recorte temporal – no qual as crônicas de Ramos sobre a cidade e seus habitantes ocorrem ou ao longo de um único ano, 1945, ou entre 1945 a 1969, e as de Bahia, de 1930/1940, avançando até 1950, faz-se necessário pesquisar como era a Feira de Santana da década de 1940 e quais fatos foram citados pelos autores.

Ainda numa tentativa de expandir a percepção desse “olhar” sobre a cidade e as imagens elaboradas a partir da literatura, resgato os romances para, através de uma abordagem comparativa entre ambos, salientar as diferenças e aproximações das memórias e representações criadas em torno de Feira de Santana. Dessa forma questiono: qual história está sendo narrada? Quem são seus sujeitos e fontes? Porquê em uma narrativa a cidade é repleta de movimento e elementos rurais e comerciais, e em outra narração ela é silêncio, pacatez, negação dos elementos sertanejos?

De imediato, percebe-se pontos de aproximação entre as obras, como o enfoque na presença do catolicismo no espaço urbano, apesar de expressarem essa atuação da Igreja Católica de maneira distinta. Ambos os romances trazem experiências de seus personagens com o espiritismo, diferenciando-se também na maneira como exploraram e valorizaram essa concepção religiosa em suas narrativas. Ressalto também, que como tomo por fonte para a pesquisa as narrativas literárias de dois autores distintos, faz-se necessário buscar outras produções desses escritores que possam expor o contexto histórico e social desses sujeitos e suas concepções acerca da realidade na qual se inseriam, bem como, as relações que criaram com a cidade de Feira de Santana e seu cotidiano.

Além desses aspectos, é interessante salientar que ambos os autores contextualizam os fatos da cidade como consequências de ações e mudanças nacionais, como o fim da política do Estado Novo de Vargas, e internacionais, como a II Guerra Mundial.

Ainda em relação as obras literárias, especificamente os romances aqui trabalhados, resalto que constituem -se enquanto expressão materializada de uma dada representação, tradução por meio de símbolos gráficos das coisas, dos fatos e das pessoas de um dado lugar.

Nessa composição textual, para além da junção de palavras, das figuras de linguagem, da estética, das regras gramaticais, há um sujeito que atribui uma função existencial, um sentido, uma ideia que são antes de mais nada expressões primordiais da forma como o autor, enquanto sujeito, representa a si e o mundo ao seu redor.

A concepção desse sujeito sobre si mesmo e sobre o seu próprio contexto é transpassada

pela ausência, ou seja, o autor ao criar a sua escrita elabora uma representação do que não existe mais (do ausente) podendo ser um lugar, um sentimento, uma sensação, simulando como presente algo que já lhe escapa ou que não é mais visível, o que demonstra uma apreensão particular do real. Retomando as reflexões de Pierre Nora (1993) seriam os lugares de memória, lembranças impregnadas pelo simbolismo e pela seletividade presente no ato do lembrar.

Ponderando sobre essa apropriação pelo autor da percepção de si mesmo e da realidade, é preciso salientar que não seria mera reprodução do real, mas a manifestação das imagens mentais elaboradas por ele (o autor) enquanto sujeito a partir da relação autor-objeto de escrita, algo interligado à ação da imaginação. Nesse processo de transfiguração da realidade para o texto grafado ocorre a atribuição de significados ao vivido, o que permite vislumbrar a forma pela qual essa produção textual foi construindo o seu objeto e, conseqüentemente, a sua leitura. Para além disso, e resgatando um pouco o pensamento de Antônio Candido, a obra escrita sempre estará exposta as representações mentais condicionadas pela sociedade do período de sua elaboração e à novas interpretações conforme o passar do tempo.

[...] E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita. Devemos levar em conta, pois, um nível de realidade e um nível de elaboração da realidade; e também a diferença de perspectiva dos contemporâneos da obra, inclusive o próprio autor [...] Em face da ordem formal que o autor estabeleceu para a sua matéria, as circunstâncias vão propiciando maneiras diferentes de interpretar, que constituem o destino da obra no tempo (CANDIDO, 2000, p. 153).

Ao refletir sobre a obra no tempo, ou melhor no transcorrer deste, partindo ainda dessa percepção de Antônio Candido, é preciso atentar para as releituras que esse texto sofre e que motivam novos olhares e significados a essa escrita que passa a ser mediada pelas práticas e discursos do presente.

Há um entendimento particularizado da sociedade, conforme uma mentalidade que pode ser individual ou coletiva, uma percepção própria fruto das práticas culturais aqui entendidas enquanto “[...] articulação das produções simbólicas as experiências estéticas subtraídas às urgências das relações com o cotidiano, com as linguagens, os rituais e as condutas, graças as quais uma comunidade vive e reflete sua relação ao mundo, aos outros e a si mesma” (CHARTIER, 2010, p. 16).

Essa manifestação das influências dos sistemas de representações por vezes é evidenciada a partir das impressões pessoais, sendo que o representar pode ser exposto por meio dos sentimentos que é exteriorizado através de uma sensibilidade em captar seu próprio mundo, como observa-se em Juarez Bahia (1986, p. 153) “são ex-tabaréus, ex-matutos que adquiriram nomes, já não mais



anônimos e se inserem na humanidade da Feira de Santana”.

Percebe-se que ao fazer referência a “humanidade” de Feira de Santana, a escrita de Bahia enquanto narrativa de um cotidiano específico demonstra uma percepção da realidade que o rodeava e da qual fazia parte, a partir do sentimento. Essa forma de ver, entrever e “sentir” o mundo que o cercava, nos remete aos estudos de Raymond Willians e ao que ele denomina de *estrutura de sentimento*.

Raymond Willians parte da análise da etimologia das palavras, atentando para o caráter material da produção de uma ordem cultural que interfere na vida real, ou seja, há uma conexão entre o autor, a sua posição no mundo, o meio social vivenciado por ele e sua trajetória de vida com aquilo que escreve. Para ele, a realidade social é vista como um processo dinâmico, sendo sua apreensão marcada por projeções que buscam por meios de atos ou obras recuperar a sua originalidade.

Ainda segundo Raymond Willians (1971, p. 102-103), “tatear” essa realidade é adotar como princípio de análise a *mediação* em contraposição ao *reflexo*, ou seja, as produções sociais e culturais de um dado período são fragmentos já modificados pelos sujeitos, seus sentidos e percepções.

Essa constatação faz com que as obras de arte - e aqui ressalto a escrita literária- sejam compreendidas em sua amplitude finita, como sendo em parte um rompimento com os limites e pressões hegemônicos capazes de tornar possível, através da neutralização ou incorporação desses mesmos limites, o surgimento de um processo cultural significativo. Dessa maneira, as estruturas políticas, econômicas e sociais que compõem uma obra de arte ou uma escrita literária não são produzidas internamente nelas, mas são fruto da experiência histórica.

Como consequência das ações desenvolvidas entre o que é interno e o externo ao mundo do sujeito desenvolve-se as práticas e os hábitos sociais e mentais que expressam a *estrutura de sentimento*, uma autopercepção do autor enquanto agente social de um tempo que tanto intersecciona uma dada realidade quanto transcende sua própria situação social.

Retomando a escrita textual enquanto produção de um sujeito-escritor-autor, esta será o produto das influências da ordem social sobre o mesmo escritor e do efeito da sua sensibilidade de absorção dessa realidade, ou seja, o texto enquanto resultado final de toda uma construção literária nos oferta uma perspectiva dentre tantas outras possibilidades de interpretação.

Enfim, quando almejo apreender essas memórias e representações a partir dessas escritas literárias, coloco-me no papel de leitor – pesquisador que para alcançar seu objeto de pesquisa passa

a tatear vestígios e sutilezas que evidenciem como esses homens criaram leituras sobre a cidade de Feira de Santana e as relações estabelecidas em seu dia a dia.

### Revisão Bibliográfica

Muito se tem produzido sobre História local e regional. A interiorização dos objetos de pesquisa em parte é fruto da extensão dos cursos de Mestrado e Doutorado, promovidos pelas universidades estaduais e federais.

Em relação a Feira de Santana, a produção de pesquisas historiográficas abrange temáticas diferenciadas, o que me faz priorizar o resgate de trabalhos e dissertações que tenham analogia com o período e objeto de estudo a ser pesquisado nesse projeto, ou, que enfoquem fatos que tenham sido utilizados ou silenciados nos romances.

*De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana (1893-1937)*, (OLIVEIRA, 2000), traz uma análise sobre o projeto de reforma urbana de Feira de Santana, que ao extrapolar a esfera religiosa, englobando a política, a economia e a sociedade feirense, viabilizava o processo de construção de um novo comportamento público, fruto das mudanças exigidas pela civilidade republicana. Assim, Feira de Santana tornou-se alvo central de uma reestruturação social que objetivou essencialmente disciplinar os comportamentos públicos, ordenar o espaço da urbe, “abolir” os vestígios das heranças da cultura negra, dos vaqueiros e outras formas de ação que lembrassem o passado pastoril da cidade.

Ainda do mesmo autor, *Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960* (OLIVEIRA, 2016), trata da urbanização de Feira de Santana entre os anos de 1920 e 1960, a partir da relação entre memória e esquecimento. Oliveira evidencia, nesse trabalho, uma Feira que embora se proclamasse urbana, possuía ricas manifestações rurais, que não são necessariamente assumidas nos discursos oficiais e nas prioridades políticas.

Em *Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana. Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833- 1937)*, Silva (2000) realiza, a partir da ideia da cidade de “natureza sã”, um estudo sobre a construção de uma identidade social urbana feirense partindo da concepção de cidade enquanto espaço de civilização e progresso motivados pelas atividades comerciais. Já Oliveira (2008) em *Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)*, faz uma análise sobre o processo de concretização da identidade de cidade civilizada, comercial e moderna, demonstrando os discursos

elaborados com o intuito de consolidar esse perfil da urbe, além de evidenciar os sujeitos e espaços urbanos que foram alvos de um processo de exclusão ao longo dos anos 50 e 60 do século XX.

Essas obras oferecem em conjunto a ampliação da percepção dos processos de modernização, urbanização, silenciamentos e construção de representações sobre a cidade de Feira de Santana, o que me auxilia no entendimento do contexto urbano que é enfocado nos romances.

Em meio a esses discursos de progresso e civilidade, destaca-se também as mudanças nas relações sociais e vivências do espaço urbano a partir da tese de mestrado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), 2002, de Aline Aguiar Cerqueira dos Santos, que analisa as formas de diversões e sociabilidades em Feira de Santana, enfatizando o papel do Cine Teatro Santana no cotidiano feirense. Destaco essa dissertação por trazer informações sobre o cinema e o teatro feirense, algo essencial para o entendimento do que é exposto sobre cinematografia no romance de Fernando Ramos.

Algumas pesquisas analisaram os conflitos ocasionados por esse processo de apropriação do espaço pelos sujeitos sociais assim como a ação municipal enquanto mantenedora da “ordem” urbana, conflitos que são traduzidos pela negação, violência e reapropriação. Em Alves (2014), a análise é sobre a relação do sujeito social com as mudanças no espaço urbano, com ênfase na existência de um processo de disciplinarização bem como na construção de um espaço de negação, que no caso seria o ‘Complexo Rua do Meio’, dessa ordem imposta pelo poder municipal. Já Lima (2008), por meio de fontes literárias, jornalísticas e judiciárias, analisa a relação entre modernização em Feira de Santana no período de 1930 – 1950 e o destaque dado a violência. Como os romances abordam assaltos e crimes de mando na urbe feirense, faz-se necessário o resgate dessas dissertações de mestrado em História citadas anteriormente.

A respeito da situação política de Feira de Santana nesse período da década de 1940, faço referência ao trabalho de Lins (2014) que analisa a situação política em Feira de Santana por meio das práticas e reorganização do poder na cidade. Para tanto, utilizou-se de fontes diversas, sendo uma delas, o livro de Juarez Bahia. Menciono ainda, a pesquisa de Silva (2012) que realiza um estudo sobre a história política de Feira de Santana no período de Vargas, analisando os “arranjos” políticos e de poder local pós Getúlio Vargas, a partir do jornal *Folha do Norte*. Esses estudos serão essenciais para a compreensão da ação política e das críticas realizadas nos romances.

Além dessas pesquisas, ressalto também a dissertação de mestrado em História de Reis (2008), que realiza um estudo sobre as produções literárias dos escritores feirenses desse período, citando o próprio Fernando Ramos enquanto escritor, dentre outros, que participava do jornal *Folha*

do Norte e da Revista Sertões, e a monografia de Leal (2019) que faz uma investigação sobre a utilização do léxico recorrente no livro de Juarez Bahia, salientando o elo existente entre essa linguagem, a cultura e a manutenção de valores e costumes próprios do sertão baiano.

Para além desses, saliento também o livro de Soares (2009) que por meio da narrativa literária de Eurico Alves, buscou identificar as representações criadas em torno da cidade de Feira de Santana, enquanto sertão, o artigo de Silva (2017) que por meio das narrativas literárias de Eurico Boaventura e Juarez Bahia, evidencia as diferentes percepções, projetos e leituras da cidade de Feira de Santana, e a obra do brasilianista Poppino (1968) que realizou uma síntese sobre a Feira de Santana de 1860 até 1950, trazendo informações sobre aspectos políticos, sociais e econômicos da cidade.

### Referencial teórico-metodológico

Para a realização dessa proposta de pesquisa, inserida no campo da História Cultural, e principalmente por se trabalhar com narrativas literárias, retomo a concepção de texto enquanto representação do real, pois “com efeito, a reconstituição da realidade não passa de uma inferência, de uma dedução: ela é o fruto de uma construção subjetiva; em outras palavras, ela reflete o ponto de vista daquele que a relata” (SILVA, 2004).

Em relação aos romances enquanto fonte, percebe-se que há uma elaboração de um discurso oriundo dos olhares sobre a cidade, seus habitantes e seu cotidiano que produz e legitima um dado imaginário social. Ao apreender essa urbe por meio de metáforas e representações que são expressas em forma de texto, as narrativas literárias tornam-se objeto de análise, reflexão e questionamento. E apesar de as narrativas literárias e históricas apresentarem metodologias diferentes ao se apropriar da realidade, intenciono nessa pesquisa entender a cidade por meio de suas representações literárias, o que me leva a retomar o pensamento expresso por Pesavento (2002, p. 14), ou seja:

pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço tem lugar. Há, pois uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social.

Assim, para explicar as relações existentes entre os sujeitos e seu contexto social, tomo como referencial teórico a teoria da representação social de Roger Chartier, que ao conceber os problemas conceituais enquanto representações, prática e apropriação, conseqüentemente, considera as formas narrativas do discurso histórico e literário, fundamentais à interpretação dos documentos

que o historiador toma por objeto de pesquisa. Para Chartier (1990, p. 25), “entre o texto e o sujeito que lê, coloca-se uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, a maneira como estes afetam o leitor e o conduzem a uma nova forma de compreensão de si próprio e do mundo”.

Ainda me utilizo de Chartier na forma como irei analisar as narrativas elaboradas nos livros *O Demônio, O Lobisomem de Feira e o Setembro na Feira*, pela qual um autor pode ser lido e entendido quando se leva em consideração o contexto em que seu trabalho foi produzido, o que nos possibilita ir do discurso ao fato, questionando a ideia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade e considerando as representações como realidade de múltiplos sentidos, mesmo porque “as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Ademais, ao priorizar a fonte literária como objeto de pesquisa, resgato um pouco da concepção de Pesavento (2006, p. 22) sobre o ‘mundo da ficção’, quando ela afirma que esse “mundo verdadeiro das coisas de mentira dá acesso para nós, historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia ter sido ou acontecido no passado”.

São essas “sensibilidades” que tento alcançar na escrita de Fernando Ramos e Juarez Bahia, de forma a perceber quais representações de cidade bem como de seus “atores” são criadas em suas narrativas. Além disto, ao propor uma abordagem comparativa entre as obras literárias, “alargo” esse olhar sobre a representação de cidade, o que possibilita múltiplas visões sobre o mesmo objeto de estudo.

### Fontes literárias

BAHIA, Juarez. **Setembro na Feira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RAMOS, Fernando. **O Demônio**. Salvador: Editora Mensageiro da Fé Ltda, 1970.

RAMOS, Fernando. **O Lobisomem de Feira de Santana**. Salvador: SCT, EGBA, 2002.

### Referências Bibliográficas

ALVES, Carlos Alberto. **De Luzes e Becos: cartografias, Itinerários e Imagens do “Complexo Rua do Meio” (1940 – 1960)**. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, 2014.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Floração de imaginários: o romance baiano no século 20**. Itabuna/Ilhéus: Via Litterarum, 2008.

BOAVENTURA, Eurico Alves. **A paisagem urbana e o homem: memórias de Feira de Santana**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2006.

BLOG Demais. **Lembrando o escritor Fernando Ramos**. Disponível em: <http://www.oliveiradimas.blogspot.com/2017/06/lembrando-escritor-fernando-ramos.html>. Acesso em 04 de out./2019.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, v. 24, n. 69, 2010, p. 7-30.

\_\_\_\_\_. **Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura**. Trad. Luzimara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2004.

LAJEDINHO, Antônio do. **A Feira da década de 30 (memórias)**. Feira de Santana: [s.n.], 2004.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **E a Bahia civiliza-se...** Ideais de civilização e cenas de anti – civilidade em um contexto de modernização urbana. Salvador, 1912 – 1916. Dissertação. Mestrado em História), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996.

LINS, Rafael Quintela Alves. **A cidade ferve e o bicho espreita: os dominantes e a política em Feira de Santana (1945 – 1964)**. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2014.

NORA, Pierre. Entre história e memória. A problemática dos lugares. **Projeto História**, n. 10, 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. **Feira de Santana em tempos de modernidade: olhares, imagens e práticas do cotidiano (1950 – 1960)**. Tese (Doutorado em História), Recife: Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, 2008.

OLIVEIRA, Clóvis Frederico Ramaiana Moraes. **De Empório a Princesa do Sertão: utopias civilizadoras em Feira de Santana, 1893 - 1987**. Dissertação (Mestrado em História), Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. **Canções da cidade amanhecendo: urbanização, memórias e silenciamentos em Feira de Santana, 1920-1960**. Salvador: EDUFBA, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & Literatura: uma velha nova “história”. In: COSTA, Cléria Botelho da & MACHADO, Maria Clara Tomaz (Orgs.). **História e Literatura, identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

\_\_\_\_\_. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2ª Ed.. Porto Alegre: EdUFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Este mundo verdadeiro das coisas de mentira: entre a arte e a história. **Revista Estudos Históricos**, v. 2, n. 3, 2002.

PINTO, Raimundo Antônio Carneiro. **Pequena história de Feira de Santana**. Feira de Santana: Fundação Senhor dos Passos, 2011.

POPPINO, Rollie E. **Feira de Santana**. Salvador: Itapoá, 1968.

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. **Diversões e civilidade na “Princesa do Sertão” (1919 – 1946)**. Dissertação (Mestrado em História), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2002.

SANTOS, Grazielle Reis dos. **Literatura e Cultura em Feira de Santana**. Práticas, usos e tendências em impressos da Folha do Norte (1951 – 1969). Dissertação (Mestrado em Letras), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2008.

SILVA, Aldo José Morais. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana**. Elementos para o estudo da construção de identidade social no interior da Bahia (1833- 1937). Dissertação (Mestrado em História), Salvador: Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2000.

SILVA, Helenice Rodrigues da. A história como “a representação do passado”: a nova abordagem da historiografia francesa. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & MALERBA, Jurandir (Orgs.) **Representações: contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000 (Coleção Textos do Tempo).

SILVA, Kelman Conceição da. **Quem manda na Feira?** Política, classe e rearranjos de poder em Feira de Santana na Era Vargas (1930 – 1945). Dissertação (Mestrado em História), Salvador: Universidade Estadual da Bahia - UNEB, 2012.

SILVA, Miranice Moreira da. **Uma cidade, múltiplas interpretações: do silêncio e melancolia de Boaventura à excitação e euforia em Juarez Bahia**. Trabalho de Conclusão de disciplina – Brasília : Univerdidade de Barsília – UnB, 2017.1

SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador: EdUFBA; Feira de Santana: EdUEFS, 2009.

SOUZA, Thaise Leal de. **Léxico e cultura no livro Setembro na Feira**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras Espanhol), Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, 2019.

WILLIANS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensius Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

*Recebido em: 22 de junho de 2021.*

*Aprovado em: 29 de agosto de 2021.*